

Uma Hipótese para a Autoridade da Doutrina Espírita Ser Explicada em O Evangelho Segundo o Espiritismo e Não em Outra Obra

Alexandre Fontes da Fonseca¹

¹ Campinas, SP.

e-mail: ¹ a.f.fonseca@bol.com.br

Recebido em 23 de Dezembro de 2023 e publicado em 01 de Fevereiro de 2024.

RESUMO

O *Evangelho Segundo o Espiritismo* (ESE) completa 160 anos em 2024. A obra se dedica ao estudo, desenvolvimento e prática da moral cristã. Junto com a obra *O Céu e o Inferno*, ela representa o aspecto moral do Espiritismo. Curiosamente, o item II da Introdução do ESE apresenta uma detalhada explicação sobre a autoridade *científica* (e não moral) da Doutrina Espírita. Nesse item, Kardec apresenta os dois critérios de análise de revelações mediúnicas: i) o uso da razão e ii) o chamado método do Controle Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE). Nesse texto, ele discute a importância do caráter universal do ensino dos Espíritos em contraponto a revelações individuais, bem como as vantagens de os Espíritos poderem eles mesmos fazer a divulgação da Doutrina em todos os lugares do globo. Ele conclui o texto mostrando a segurança que o Espiritismo adquire contra revelações que pudessem deturpá-lo, se os dois critérios acima de análise de mensagens forem seguidos rigorosamente. Uma questão, porém, que até o momento nunca foi levantada ou discutida é sobre as razões pelas quais Kardec teria mantido essa explicação em uma obra destinada ao aspecto moral/cristão do espiritismo. Neste artigo, construo uma hipótese baseada no conteúdo de três mensagens mediúnicas recebidas por Kardec à época em que ele preparava o ESE. A proposta deste estudo não é fechar a questão, mas motivar a pesquisa por documentos históricos que possam elucidá-la ainda mais.

PALAVRAS-CHAVE: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*; Autoridade da Doutrina Espírita; a aliança entre ciência e religião.

COMO CITAR: A. F. Da Fonseca, *JEE* 12, 010202 (2024). DOI: [10.22568/jee.v12.artn.010202](https://doi.org/10.22568/jee.v12.artn.010202).

COMO DIVULGAR: Compartilhe este link: <https://doi.org/10.22568/jee.v12.artn.010202>.

Autoridade científica da Doutrina Espírita



I INTRODUÇÃO

O *Evangelho Segundo o Espiritismo* (ESE) é uma obra que se dedica a apresentar os ensinamentos de Jesus sob a luz do Espiritismo. De todas as partes que compõem os Evangelhos, Kardec (1996a), sabiamente, escolheu analisar apenas o ensino moral contido neles. No primeiro item da Introdução da obra, Kardec esclarece que ela foi composta de textos e artigos em uma ordem que privilegiou uma didática construtivista ao invés de uma sequência histórica. Kardec desejou que as máximas e conceitos contidos no ESE decorressem uns dos outros em sequência. Um brevíssimo resumo do ESE é adado a seguir.

Iniciando pela descrição das três principais revelações religiosas, Kardec analisa o sentido da “realeza” de Jesus, as várias moradas divinas e a reencarnação. Em seguida, inicia o estudo das bem-aventuranças, começando por uma que, talvez, seja uma das mais difíceis de se entender *sem a chave que o Espiritismo dá* da continuidade da vida: bem-aventurados os aflitos. Depois, expõe o caráter consolador do Espiritismo, as demais bem-aventuranças, e a importância do amor ao próximo, incluindo o amor aos inimigos. A humildade é exaltada em seguida, destacando-a como uma forma de caridade.

Depois de abordar um tema mais específico como o dever para com os pais (um dos mandamentos de Moisés), o lema do Espiritismo é apresentado e justificado: *fora da caridade não há salvação*. Kardec, então, analisa a importância do desapego às coisas materiais, passando ao incentivo do desenvolvimento das qualidades morais mais elevadas do ser e, depois, alertando sobre as oportunidades que a vida atual nos oferece de crescimento ao discutir a relação entre os “chamados” e os “escolhidos” da narrativa evangélica.

Até aqui, citei os temas de 18 dos 28 capítulos, ou seja, o ESE ainda tem mais conteúdo. No capítulo XIX, um dos principais fundamentos do Espiritismo, a fé raciocinada, é apresentada como condição de fé robusta, fornecendo assim subsídios para discutir o papel dos espíritos como trabalhadores da última hora e orientando-nos a avaliar com precisão a qualidade dos que se consideram/apresentam profetas. Em um tema mais específico, Kardec demonstra a misericórdia divina ao esclarecer que embora seja fundamental não separar o que Deus juntou, ele mostra que em certas condições, o divórcio é a opção mais acertada em termos cristãos, justamente por não representar uma união baseada no amor. O capítulo seguinte, XXIII, representa um dos exemplos mais importantes que o próprio Kardec deu do uso da fé ra-



ciocinada no Espiritismo. Intitulado *estranha moral*, o capítulo apresenta certas afirmações de Jesus que exigiram um cuidado um pouco maior na análise e esclarecimento à luz da razão e da Doutrina, mostrando que nem sempre devemos aceitar ao pé da letra, nem mesmo as palavras atribuídas ao mais elevado dos seres que já encarnou na Terra. Nos capítulos finais, o ESE recomenda a qualidade na divulgação do Evangelho, incentiva o esforço próprio no bem, orienta para o desapego e desprendimento em qualquer atividade que se faça em nome de Deus, e avalia as características e qualidades de uma das mais importantes formas de comunicação com Deus e com os Espíritos: a prece. Kardec encerra a obra com exemplos e explicações sobre preces diferentes para ocasiões diferentes.

O ESE completa em 2024, 160 anos de publicação. Segundo pesquisa de opinião feita recentemente por Ivan Franzolin (2023), o ESE é a obra mais lida/consultada pelos 9166 respondentes¹. É digno de nota citar, também, uma pesquisa sobre a leitura completa das obras fundamentais do Espiritismo por dirigentes de grupos e centros espíritas de uma dada região (Milani Filho, 2022). O resultado mostrou que 91.3% dos dirigentes consultados leram o ESE de modo completo. Além disso, 93% deles também leram *O Livro dos Espíritos* (LE) (Kardec, 1995). Quando se analisa a leitura das demais obras, as percentagens começam a cair. A percentagem de dirigentes que já leram uma das demais obras de Kardec gira em torno dos 70%. Infelizmente, apenas 56,5% dos dirigentes confessaram ter lido todas as 5 obras fundamentais do Espiritismo.

Neste artigo, apresentamos uma questão envolvendo um item da Introdução do ESE que, até onde sei, nunca foi levantada nem discutida no meio espírita: o item II. Não é que não existem estudos que enfatizem a importância ou significado do item II, no qual Kardec apresenta uma longa explanação sobre a autoridade da Doutrina Espírita. Vejam-se, por exemplo, os recentes artigos de Milani (2023a,b). O questionamento aqui é o fato desse item não discutir nenhuma questão de natureza moral ou religiosa, mas ter sido publicado em uma obra que, fundamentalmente, é de natureza moral. No item, não são discutidos ou argumentados, por exemplo, o caráter elevado da moral cristã, ou o grau de evolução dos Espíritos que fizeram as principais revelações da Doutrina Espírita. Esse item apresenta e explica os dois critérios de análise do produto dos fenômenos espíritas: o conteúdo das mensagens e comunicações mediúnicas. Esse item descreve, portanto, a autoridade científica da Doutrina. A questão, então, é: *por que um texto de natureza científica foi colocado e mantido na introdução de uma obra dedicada ao aspecto moral do Espiritismo?* Essa é a questão que ora levanto, apresento uma solução, porém, sem pretensões de dar a última palavra. Eu apresento uma hipótese plausível para explicar a publicação do item II, sobre a autoridade científica do Espiritismo, justamente em o ESE e não em outras das obras funda-

mentais da Doutrina. Essa hipótese se baseia em mensagens que Kardec recebeu durante a preparação da obra e que foram postumamente publicadas. Dessa forma, esse estudo não pretende fechar de modo absoluto a questão, mas estimular a pesquisa por documentos que possam revelar as razões pelas quais Kardec escolheu trabalhar esse assunto em o ESE.

Este artigo está, portanto, organizado da seguinte forma. Na Seção II, apresento um resumo do conteúdo do item II da Introdução do ESE, destacando o caráter científico das explicações de Kardec. Em seguida, na seção III, apresento um pouco do contexto em torno da preparação do ESE, três mensagens mediúnicas recebidas por Kardec nessa época e a hipótese para o item II ter sido escolhido e mantido como parte da Introdução do ESE, bem como uma breve discussão da importância dessa escolha. Por fim, na Seção IV, sumário as principais conclusões deste estudo.

II AUTORIDADE DA DOCTRINA ESPÍRITA: UM TEXTO CIENTÍFICO

O item II da Introdução de o ESE apresenta argumentos de Kardec sobre o chamado Controle Universal do Ensino dos Espíritos com o objetivo de esclarecer em que se baseia a autoridade da Doutrina Espírita (DE). Em resumo, Kardec argumenta que se a DE tivesse chegado até nós pelo trabalho de uma única pessoa ou através da revelação de um ou mais Espíritos através de um único intérprete/médium, ela sofreria de uma ou mais das seguintes limitações: i) seria limitada aos conhecimentos da pessoa; ii) não haveria garantia da origem não importa a importância do(s) nome(s) do(s) Espírito(s) que se apresentassem como autores; iii) não haveria garantia de universalidade, isto é, não se poderia afirmar que as revelações recebidas por um único médium representam o pensamento da coletividade de Espíritos; iv) não haveria garantia alguma sobre a validade de conceitos novos. Quando muito, como argumenta Kardec, uma doutrina assim revelada formaria adeptos localmente, mas nunca “*chegaria a congregar todo o mundo*” (Kardec, 1996a, item II da Introdução do ESE).

Kardec, então, apresenta a forma como a Doutrina se fez conhecer. Seus principais conceitos chegaram às pessoas através de médiuns de diferentes lugares ao redor do globo. Ele argumentou que enquanto uma individualidade ou um grupo pode ser enganado por Espíritos maus intencionados, isso jamais aconteceria com toda a Humanidade, isto é, com todos os grupos espíritas/mediúnicos espalhados por todo o mundo. Disse também que se porventura o preconceito para com a Doutrina chegasse ao extremo de destruir suas obras, os próprios Espíritos, não podendo ser queimados ou destruídos, poderiam ditá-las novamente aos homens. Esse meio universal de revelação e propagação da nova doutrina, através dos Espíritos em vários lugares e através de vários médiuns, foi considerado por Kardec não apenas como “*mais rápido*” e “*mais*

¹ Alguns estudiosos questionam a falta de rigor ou metodologia estatísticas das pesquisas de opinião realizadas por Franzolin. Por isso, seus resultados são citados aqui apenas como uma referência sem, contudo, considerá-la definitiva ou absoluta.



autêntico”, mas tão robusto e seguro a ponto dele ter considerado que aí “*reside a força do Espiritismo*”. Naturalmente, a rapidez de propagação da então nascente DE se explica pelo fato dos Espíritos não terem limitações em atingirem todos os lugares no globo. Tal rapidez só se compara com a velocidade de propagação de ideias que a tecnologia atual baseada na *internet* e nos dispositivos eletrônicos permite.

Kardec, ainda nesse texto, destaca um importante detalhe que ele mesmo constatou ao dialogar com vários Espíritos. Ele percebeu que no mundo espiritual, assim como no mundo material, os Espíritos tem conhecimentos, experiências e graus de moralidade diferentes. Assim, ele argumenta que as revelações que os Espíritos fazem que não tenham caráter exclusivamente moral, que são mais fáceis de analisar em comparação com base no Evangelho, não podem ser consideradas *a priori* como verdades ou elementos novos da DE. Ele, então, apresenta os dois critérios que ele descobriu serem necessários para avaliar com segurança o conteúdo das revelações individuais dos Espíritos. Em suas palavras²

O **primeiro exame comprobativo** é, pois, sem contradição, **o da razão**, ao qual **cumpra se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos**. Toda teoria em manifesta contradição com o bom-senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. (Grifos nossos).

Kardec foi um homem de ciência e sabia muito bem que tudo o que contradiz a lógica mais simples das coisas, os dados positivos da Ciência, os princípios filosóficos ou morais conhecidos, não pode ser aceito como uma instrução de um bom Espírito. Em ciência, sempre se faz análise de tudo, “*sem exceção*” como diz Kardec, baseada na razão. A ciência, aliás, é muito criteriosa nesse aspecto. Os cientistas aprendem o ofício de fazer ciência e pesquisa levando-se em conta que todos os detalhes envolvendo a pesquisa devem satisfazer a mais pura e rigorosa lógica que a razão permite e seja justificada pelos fundamentos da sua área do conhecimento. Por incrível que possa parecer, é justamente o rigor na análise e aplicação da razão, que garante a validade, segurança e importância de novas descobertas. O rigor não enrijece a área do conhecimento como alguns pensam e dizem apressadamente. A prova disso é o fato de novas descobertas da ciência ortodoxa ocorrerem a todo momento, em todos os lugares no mundo. Em outras palavras, o “*exame comprobativo da razão*” é um critério científico dos mais importantes na Ciência e, por conseguinte, na Ciência Espírita.

Como pondera Kardec, há, por outro lado, conceitos e revelações tais que nem o bom senso nem a mais rigorosa aplicação da lógica e a razão permitem saber se são ou não válidos. Um exemplo seriam as revelações sobre como é o mundo espiritual. Além disso, os encarnados podem ter limitações de conhecimento científico e filosófico

que os impedem de analisar com segurança algumas revelações que são feitas pelos Espíritos. Em todos esses casos, a solução é o *segundo exame comprobativo* que nas palavras de Kardec é apresentado da seguinte maneira:

A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. Importa, no entanto, que **ela se dê em determinadas condições**. (Grifos nossos).

O critério do Controle Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE) é, então, apresentado de modo simples nas palavras de Kardec acima reproduzidas. A concordância no que ensinam os Espíritos é a melhor garantia quando a razão não é capaz de elucidar o grau de validade ou veracidade de uma dada revelação. Mas, como destacado em negrito, o CUEE não se dá de modo simples. São necessárias “*determinadas condições*”. O próprio Kardec esclarece que condições são essas. Primeiro, ele diz que a mais fraca dessas condições, ocorre quando, sobre um determinado assunto, muitos Espíritos são interpelados através de *um único médium*. Pela sua experiência, Kardec argumenta que se o médium estiver sofrendo um processo de obsessão, ou ainda “*lidando com um Espírito mistificador*”, pode acontecer de um mesmo Espírito se fazer passar por vários outros e fornecer assinaturas diferentes para enganar os seus interlocutores. Kardec vai adiante e afirma que mesmo que se faça uso de vários médiuns, mas de um mesmo centro ou grupo, uma influência negativa também pode ocorrer junto ao grupo. Em seguida, ele enuncia o critério do CUEE na sua forma mais forte:

*Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam **espontaneamente**, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares*. (Grifos em itálico, originais, em negrito, nossos).

Eis então o critério do CUEE com destaque para um detalhe que pode passar despercebido por vários adeptos espíritas. A forma mais forte do critério ocorre quando as revelações dos Espíritos ocorrem não apenas através de vários médiuns de vários lugares diferentes, mas também de modo *espontâneo*. Não é que não se pode colher instruções sérias dos Espíritos através de reuniões com evocação nas quais se fazem perguntas. A afirmação de Kardec apenas declara que a forma *forte* do método/critério do CUEE envolve tal espontaneidade. Além do mais, Kardec, nesse mesmo texto, acrescenta que esses critérios não se referem a questões secundárias do Espiritismo, “*mas do que respeita aos princípios mesmos da doutrina*”. Há quem deseje utilizar o critério do CUEE para pedir esclarecimentos de novas questões aos Espíritos. Embora não seja proibido fazer isso, é preciso levar em conta que a provocação de questões junto a médiuns diferentes e de lugares diferentes não implica que os bons Espíritos desejem respondê-las. Insistir em obter respostas pode gerar influências de maus Espíritos que não terão escrúpulos em responder e assinar com os mais variados nomes.

² As citações ou transcrições da fala de Kardec que não apresentarem referência se referem a trechos do item II da Introdução do ESE.



Isso é mais uma razão para ponderar-se bem a intenção de voluntariamente solicitar respostas aos Espíritos sobre questões que nos pareçam importantes, mas que podem não ser ainda do interesse dos bons Espíritos respondê-las.

Aproveitando ainda um pouco mais o estudo de [Milani Filho \(2022\)](#), algumas das questões que foram apresentadas aos dirigentes dizem respeito ao critério do CUEE. Quando perguntados sobre aceitação *a priori* de informações de fonte única, 13% dos dirigentes disseram que sim, que aceitam. Em média, 80% dos respondentes escolhem uma postura *prudente* com relação a revelações oriundas de fonte única, mas essa prudência foi observada crescer com o tempo de vivência no Espiritismo. 8.7% dos respondentes assinalaram positivamente para a aceitação de revelações feitas por médiuns famosos que representavam avanços ou superações do conhecimento espírita. Embora baixo, essa percentagem preocupa já que dirigentes de grupos espíritas tem bastante influência nos adeptos que são orientados por eles. Por fim, uma questão interessante foi apresentada aos participantes dessa pesquisa. Foi perguntado a eles se a opinião ou revelação feita por médiuns famosos atendem aos critérios do método do CUEE. O resultado foi que 59.1% dos dirigentes concordam que *não*, que a opinião ou revelação de médiuns mesmo famosos não atende aos critérios do CUEE. Esse número é bem preocupante pois sugere que quase a metade dos dirigentes pesquisados (os 40.1% que concordam que *sim*) talvez não saibam o que é o CUEE e sua importância para o espiritismo. Uma das intenções deste artigo é destacar a importância desse texto de Kardec sobre a autoridade científica da DE para fundamentar, até mesmo, o conteúdo do ESE.

Kardec, então, passa à finalização do texto do item II da Introdução de o ESE mostrando como esses critérios, o da razão e o do CUEE no modo forte, asseguram que o conteúdo atual da DE é seguro e robusto contra deturpações que alguns possam desejar imputar-lhe:

Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade. (...).

O princípio da concordância é também uma garantia contra as alterações que poderiam sujeitar o Espiritismo às seitas que se propusessem apoderar-se dele em proveito próprio e acomodá-lo à vontade. (...).

Também ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos ainda não elucidados da Doutrina não constituirão lei, enquanto essas instruções permanecerem insuladas; que elas não devem, por conseguinte, ser aceitas senão sob todas as reservas e a título de esclarecimento.

Esses comentários de Kardec deixam claro a importância de se adotar com rigor os critérios espíritas de aceitação de conceitos novos. Assim como ocorre em todas as áreas do conhecimento humano, isso permitirá trabalhar o avanço do conhecimento espírita com segurança. Na ciência, cada disciplina científica define muito bem

seus conceitos, métodos e critérios de modo que só satisfazendo todos eles, é que novas descobertas são validadas e passam a fazer parte do *conhecimento da área*.

Vê-se, portanto, que o conteúdo do item II da Introdução de o ESE não se trata de discussões sobre moral, moral evangélica ou autoridade moral da Doutrina ou dos Espíritos que a ditaram. Mas sim de critérios científicos de validade da DE. Quando ela apresenta, por exemplo, os conceitos em torno da lei divina ou natural na parte terceira do LE, podemos ter certeza que seu conteúdo satisfaz os critérios de ciência desenvolvidos por Kardec.

Por que será que Kardec, então, optou por descrever a autoridade científica da DE numa obra dedicada a desenvolver o aspecto moral do Espiritismo e não nas demais obras que tratam dos aspectos mais filosóficos e científicos do mesmo?

III UMA HIPÓTESE PARA A EXPLICAR A AUTORIDADE DA DOCTRINA EM O ESE

Como dito na Introdução deste artigo, uma questão que pode ser feita é saber por que razões Kardec teria escolhido por e/ou manter na Introdução do ESE um longo e detalhado texto sobre a autoridade (científica e não moral) da Doutrina Espírita (DE). Por que não teria ele inserido esse texto na introdução do LE, *Livro dos Médiuns* (LM) ([Kardec, 1996b](#)) ou, ainda, transferido para *A Gênese* (GE) ([Kardec, 2021](#)) na qual, inclusive, ele analisou, com base na ciência espírita, alguns milagres de Jesus? Essas três obras concentram as descrições e explicações de caráter científico e filosófico do Espiritismo. Logo, elas parecem ser mais adequadas a receber um texto sobre a autoridade intelectual/científica/filosófica da DE. O texto da autoridade da DE já aparece na 1ª edição do ESE, ainda quando era intitulado *Imitation de L'Évangile Selon Le Spiritisme* ([Kardec, 1864](#)). Como Kardec sempre mexeu, corrigiu, revisou e atualizou as obras fundamentais da DE, seria compreensível ele ter mudado o texto da autoridade da doutrina para outra obra. Mas ele não o fez.

Uma razão para isso pode estar relacionada ao conteúdo de algumas mensagens ditadas pelos Espíritos a Kardec através do médium Sr. d'Ambel durante a preparação da primeira edição do ESE. Charles [Kempf \(2014\)](#), em artigo publicado na revista *Reformador* de 2014, apresenta uma breve análise do contexto em que Kardec redigiu e preparou o ESE baseado em cartas de Kardec endereçadas a Amelie Boudet, recém encontradas por pesquisadores de documentos históricos do movimento espírita. Ele menciona mas não analisa algumas mensagens mediúnicas recebidas por Kardec e publicadas em *Obras Póstumas* (OP) ([Kardec, 1993](#)). Aqui, apresento uma análise de alguns pontos contidos nessas mensagens que podem ajudar a esclarecer a decisão de Kardec de ter mantido o texto sobre autoridade da DE na Introdução do ESE.

Nos capítulos intitulados “Imitação do Evangelho” e “A Igreja” da segunda parte de OP, encontram-se três comunicações mediúnicas. Uma delas consiste de respostas



a algumas questões levantadas por Kardec. Em apenas uma delas, a última, há uma assinatura que foi apresentada pela abreviação: “E.” Presume-se que seja Erasto em vista de comentários de Kardec nas cartas apresentadas por Charles Kempf (2014) em seu artigo. Todas as mensagens foram recebidas pelo Sr. d’Ambel em Paris, embora Kardec estivesse em um retiro em Saint-Adresse para cuidar da saúde. Nesse local, Kardec trabalhou na preparação do ESE. Vamos aos pontos importantes do conteúdo dessas mensagens.

A primeira mensagem responde questões sobre a obra na qual Kardec estava trabalhando. O Espírito comenta que o ESE, então em preparação, irá ter uma grande influência não somente no mundo religioso, mas na “*vida prática das nações*” (Kardec, 1993). A mensagem também responde à pergunta sobre como o clero reagiria à obra, dizendo que este, o clero, “*clamará [o ESE] à heresia, porque verá que nele atacas firmemente as penas eternas e outros pontos sobre os quais apoia a sua influência e o seu crédito, ...*” (Kardec, 1993). A mensagem prossegue alertando e prevenindo Kardec dos ataques e difamações que ele viria a sofrer por causa do ESE. Ao mesmo tempo, porém, a mensagem o consola e fortalece deixando claro que ele não estaria sem o devido apoio e proteção espirituais.

A segunda mensagem não se tratava de respostas à questões. Em OP, é dito que Kardec houvera solicitado uma comunicação de caráter geral para ele, sobre assunto qualquer. A mensagem então diz do amparo e inspiração espiritual que Kardec estava recebendo na composição do texto do ESE. O Espírito (essa mensagem não tem assinatura) explica a “*necessidade de recolhimento e de isolamento*” em função da importância da obra em preparo. Kardec recuperava a saúde longe do movimento e agitação de Paris. Essa e a mensagem anterior ressaltaram que o ESE foi (é) uma obra de enorme importância e por isso recebia de Espíritos tão elevados quanto o Espírito de Verdade, atenção muito especial no seu preparo.

A terceira mensagem, já sob o título “A Igreja” em OP, fornece mais elementos para entender a escolha de Kardec em publicar o texto sobre a autoridade da DE na Introdução do ESE. Vamos a alguns trechos da mensagem. Primeiro, Erasto³, diz:

É chegada a hora em que a Igreja deverá prestar conta do depósito que lhe foi confiado, da maneira pela qual praticou os ensinamentos do Cristo, do uso que fez de sua autoridade, (...); é chegada a hora em que ela deverá dar a César o que é de César e incorrer na responsabilidade de todos os seus atos. Deus a julgou, e a reconheceu imprópria, doravante, **para a missão de progresso** que incumbe a toda autoridade espiritual. (Grifos nossos).

Erasto inicia sua mensagem destacando que chegou o momento da Igreja prestar contas de séculos de influência e orientação religiosa na vida das pessoas. Em particular, destacou que Deus teria julgado que ela, a Igreja, não mais seria capaz de guiar o *progresso* das almas. O

destaque para esse comentário se dá nos comentários que Erasto faz em seguida, ainda no mesmo parágrafo da sua mensagem:

Não seria senão por uma transformação absoluta que poderia [a Igreja] viver; ela, porém se resignará a essa transformação?

Parecem um pouco enigmáticas as palavras de Erasto acima. Que transformação seria essa que se a Igreja pudesse passar ou sofrer, ela ainda seria capaz de “*viver*” e, portanto, auxiliar na “*missão de progresso*” das pessoas? Os seguintes comentários ajudam a entender:

Não, porque então **não seria mais** a Igreja; para **se assimilar as verdades e as descobertas da ciência**, seria **necessário renunciar aos dogmas** que lhe servem de fundamento; para **retornar à prática rigorosa dos preceitos do Evangelho**, ser-lhe-ia necessário renunciar ao poder, à dominação, trocar o fausto e a púrpura pela simplicidade e humildade apostólicas. Está entre duas alternativas; se ela se transforma, se suicida; se permanece estacionária, sucumbe sob a **opressão do progresso**.

(...) De resto, **a luta está aberta entre a Igreja e o progresso**, mais do que entre ela e o Espiritismo; **é o progresso geral das ideias que lhe rebate os argumentos** de todos os lados (...) (Grifos nossos).

Essas palavras de Erasto são muito esclarecedoras. Ele mostra que o principal problema que a Igreja estava enfrentando naquele momento histórico do planeta era o avanço do conhecimento, o progresso da Ciência e da Filosofia. A Igreja, se desejasse manter-se ainda com força e influência sobre as pessoas, precisava renunciar a dogmas e preceitos incoerentes com os avanços científicos que ocorriam vertiginosamente na época. O Espiritismo, então nascente, não poderia de modo algum sofrer o mesmo tipo de limitação. Isso está coerente com as explicações de Kardec sobre a importância do caráter científico de uma revelação (Kardec, 2021, Capítulo I). O Espiritismo não poderia seguir o mesmo caminho da Igreja e correr o risco de sucumbir “*sob a opressão do progresso*”. De modo mais explícito, Kardec disse:

Caminhando juntamente com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas demonstrarem estar em erro sobre um ponto qualquer, ele se modificará nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará. (Kardec, 2021, item 55, Capítulo I, grifos em itálico, originais, em negrito, meus).

Então, com base nos comentários presentes nessas três mensagens recebidas por Kardec, proponho a hipótese de que a escolha de manter na Introdução do ESE o texto sobre a autoridade (diga-se de passagem, científica) da DE se deve a três fatores. Primeiro porque a obra é muito importante e teria um alcance muito além do aspecto moral do espiritismo; segundo, porque obra e Autor encarnado receberiam um enorme ataque da Igreja, uma instituição ainda forte à época; e, por fim, a DE precisava deixar claro que jamais estaria em desacordo com o progresso

³ Supondo que “E.” seja de Erasto como sugere a carta de Kardec encontrada por Kempf (2014).



do conhecimento. A explicação da autoridade científica da DE em o ESE permitiria os leitores perceberem diretamente, isto é, sem ter que recorrer a outros livros e referências, que o seu conteúdo moral, que confrontava vários dogmas da Igreja, não foi apresentado ou proposto de modo leviano. Que as conclusões e máximas apresentadas pelo Espiritismo com base no ensinamento moral do Cristo não decorreram de meras opiniões ou sistemas pessoais ou particulares, mas sim de um trabalho minucioso de pesquisa e análise de comunicações e pensamentos dos Espíritos em conjunto com a razão. Ao mostrar que o Espiritismo não valoriza revelações individuais, mas apenas as que satisfazendo a lógica e a razão, satisfizeram os critérios de universalidade no ensino dos Espíritos, Kardec finca uma âncora de autenticidade científica à obra, lhe assegurando, portanto, a integridade intelectual. O ESE, como disse uma das mensagens, teria não somente alcance no mundo religioso, mas no mundo inteiro, em todos os setores da vida humana. A presente hipótese considera que ele, o ESE, precisava, portanto, conter uma discussão sobre a autoridade da doutrina que foi usada como fundamento para apresentar uma nova visão e interpretação dos ensinamentos cristãos.

Cumprido comentar sobre a importância dos adeptos espíritas aprofundarem no entendimento desse e de outros textos de Kardec que apresentam e explicam as características doutrinárias que lhe conferem autoridade. No Brasil, o Espiritismo encontrou espaço, mas se desenvolveu de modo mais religioso (e em sentido um pouco distante do conceito filosófico de religião trabalhado pelo próprio Kardec) do que científico no último século. Cabe agora, que estamos usufruindo de um avanço enorme nos meios de comunicação e de tecnologia de informação, estudarmos e aprofundarmos, também, nos aspectos científico e filosófico da Doutrina Espírita, para valorizá-la e darmos continuidade ao programa de pesquisa e avanço do conhecimento espírita que Kardec iniciou há pouco mais de 167 anos atrás.

IV CONCLUSÕES

Neste trabalho, apresento um resumo do conteúdo do item II da Introdução do ESE sobre a autoridade da Doutrina Espírita; mostro que esse conteúdo não é de natureza moral, mas sim científica e filosófica; desenvolvo um questionamento sobre as razões pelas quais Kardec teria colocado e mantido esse texto numa obra que não se dedica a assuntos científicos do Espiritismo; e, por fim, apresento uma hipótese para essa questão baseada em elementos encontrados em três mensagens mediúnicas publicadas em OP. Mostro, com base no conteúdo dessas mensagens, que era importante, para não dizer necessário, haver um item que mostrasse a autoridade científica da Doutrina na Introdução do ESE. Argumento que isso foi importante para mostrar a validade e seriedade dos fundamentos da obra (o ESE) que confrontou antigos dogmas religiosos. Isto é, que essa obra têm ba-

ses tão sólidas quanto a dos avanços científicos da época (ou mesmo atuais). A importância da obra; o ataque gratuito que ela e Kardec receberiam e a importância de estar em sintonia com o progresso e os avanços do conhecimento, formam três razões fortes, sugeridas pela presente hipótese, para a presença e manutenção desse item sobre autoridade (científica) da Doutrina Espírita na Introdução do ESE.

O espírita, portanto, deve aprofundar o estudo dos princípios e conceitos da DE para poder compreender todo o alcance da proposta espírita de compreensão e vivência do Evangelho de Jesus. Isso está em plena coerência com uma importante afirmação do Espírito Bezerra de Menezes, através da mediunidade de Divaldo P. Franco, onde diz com todas as letras que é preciso “aprofundar o pensamento na obra de Allan Kardec para poder viver Jesus em toda a plenitude.” (Franco, 1995).

REFERÊNCIAS

- FRANCO, D. P. 1995. “Unificação paulatina, união imediata, trabalho incessante...”, pelo Espírito Bezerra de Menezes, *Reformador* **Outubro**, p. 315.
- FRANZOLIN, I. 2023. “Resultados da Pesquisa para Espíritos 2023”, blog *Ideias e anotações. Artigos, notas e material para reflexão vinculados ao conhecimento espírita*. Link: <http://franzolim.blogspot.com/2023/05/resultados-da-pnp-2023-pesquisa.html>, acessado em 22/12/2023.
- KARDEC, A. 1864. *Imitation de L'Évangile Selon Le Spiritisme*, Les Éditeurs du *Livre Des Esprits*, Paris.
- KARDEC, A. 1868. “Constituição Transitória do Espiritismo”, *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos*, pag. 504, **dezembro** de 1868. FEB, tradução de Evandro Noleto Bezerra.
- KARDEC, A. 1993. *Obras Póstumas*. Editora IDE, 1ª Edição, Araras, SP.
- KARDEC, A. 1995. *O Livro dos Espíritos*. Editora FEB, 76ª Edição, Rio de Janeiro, RJ.
- KARDEC, A. 1996a. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Ed. FEB, 112ª Edição, Rio de Janeiro, RJ.
- KARDEC, A. 1996b. *O Livro dos Médiuns*. Editora FEB, 96ª edição, Rio de Janeiro, RJ.
- KARDEC, A. 2021. *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. USE. Kindle Edition, São Paulo, SP.
- KEMPF, C. 2014. “Como Allan Kardec preparou *O Evangelho Segundo o Espiritismo*”, *Reformador* **Julho**, p. 399.
- MILANI, M. 2023a. “A autoridade ignorada da Doutrina Espírita”, *Revista Digital Dirigentes Espíritas* **196**, p. 32. Link: <https://usesp.org.br/wp-content/uploads/2023/08/reDE-196-julho-agosto-2023.pdf>, acessado em 26/12/2023.
- MILANI, M. 2023b. “Coerência e Método”, *Revista Digital Dirigentes Espíritas* **197**, p. 27. Link: <https://usesp.org.br/wp-content/uploads/2023/10/reDE-197.pdf>, acessado em 26/12/2023.
- MILANI FILHO, M. A. F. 2022. “Coerência doutrinária espírita: limites e desafios”, p. 21 em: *Coerência Doutrinária na Pesquisa Espírita*, org.: A. F. Da Fonseca, 1ª edição, Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo – Eduardo Carvalho Monteiro (CCDPE-ECM), São Paulo, SP. 2022.



TITLE AND ABSTRACT IN ENGLISH

The Authority of the Spiritist Doctrine Explained in *The Gospel According to Spiritism* Rather Than Another Work: A Hypothesis

Abstract: *The Gospel According to Spiritism* (GOS) celebrates its 160th anniversary in 2024. It is dedicated to the study, development and practice of Christian morality and represents the moral aspect of Spiritism, along with *The Heaven and Hell*. In the introduction to the GOS, item II provides a detailed explanation of the *scientific* (not moral) authority of the Spiritist Doctrine. Kardec presents two criteria for analyzing mediumistic revelations: the use of reason and the method of the Universal Control of the Teaching of Spirits (UCTS). This text discusses the importance of the universal character of the Spirits' teaching as opposed to individual revelations, as well as the advantages of the Spirits themselves being able to spread the Doctrine worldwide. Kardec concludes the text by demonstrating how Spiritism can be safeguarded against potentially distorting revelations, provided that the two aforementioned criteria for analyzing messages are strictly adhered to. However, one question that has not been discussed thus far is raised here: why did Kardec maintain this explanation in a work aimed at the moral/Christian aspect of Spiritism? In this paper, I construct a hypothesis to answer this question based on the content of three mediumistic messages received by Kardec at the time he was preparing the GOS. The aim of this study is to prompt research into historical documents that can shed new lights on the question at hand.

Keywords: *The Gospel According to Spiritism*; the authority of the Spiritist Doctrine; The alliance of science and religion.
